

**METAPLASMOS POR SUPRESSÃO
NA ORALIDADE CAMPO-GRANDENSE**

Patricia Damasceno Fernandes (UEMS)
patty.damasceno@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)
natysierra2011@hotmail.com

1. Introdução

Os metaplasmos são as transformações ou alterações que os vocábulos sofrem na língua, sem que seu sentido se altere. (ALMEIDA, 1998, p. 55). Conforme Bagno (2007, p. 8) há quatro tipos de metaplasmos: por acréscimo, por supressão, por transposição e por transformação. Desenvolvemos um trabalho, cuja maior finalidade foi descobrir quais dos subtipos de metaplasmos por supressão ocorrem mais na oralidade de pessoas que nasceram e vivem em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, verificando em que medida esses subtipos ocorreriam de acordo com a escolaridade e faixa etária dos informantes. Para este trabalho foi necessário entrevistar 12 pessoas, sendo utilizadas para as transcrições apenas 8 entrevistas, procuramos pessoas jovens, e pessoas mais idosas, com os seguintes níveis de escolaridade: ensino fundamental e ensino médio e de ambos os gêneros, totalizando 4 grupos com 2 informantes cada.

Para a realização das entrevistas optamos por utilizar a fala espontânea. “[...] a língua falada apresenta tendência para o não planejado [...]” (RODRIGUES, 1995, p. 20). Então falar espontaneamente faz com que o informante possa tender a não planejar o que vai ser dito, porque não terá tempo para isso, como tem na língua escrita. “Assim, além de ser planejada, a língua escrita é planejável” (RODRIGUES, 1995, p. 28 *apud* AKINNASO, 1982), porque pressupõe articulação das ideias e dados linguísticos estabelecidos antes ou durante o ato de escrever”, (RODRIGUES, 1995, p. 28).

Inicialmente faremos um breve histórico sobre Mato Grosso do Sul e em específico Campo Grande, com a finalidade de situarmos o lugar de origem de nossos informantes.

O desenvolvimento do trabalho se faz importante na medida em que especificamos os tipos de metaplasmos existentes na língua portuguesa, passando história da língua portuguesa.

2. Justificativa

É importante conhecer os processos de transformação da língua para que saibamos quais foram as mudanças que fizeram a língua se tornar o que é hoje, conforme Bagno (2007, p. 03): “Contar a história do português é mostrar as mudanças linguísticas que lhes foram dando forma”.

É imprescindível saber quais os motivos dessas variações: idade, gênero e escolaridade, pois a língua passa por essas transformações de acordo com a necessidade de seus falantes na comunicação:

A língua muda porque mudaram as necessidades expressivas dos falantes, mas não pode mudar tanto que a comunicação fique afetada. Em última análise, a língua muda porque é um sistema em perpétua adaptação às necessidades das comunidades que a utilizam e essas necessidades também mudam. (BAGNO, 2007, p. 04).

Projetos como o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) têm como objetivos respectivamente: descrever a realidade linguística do Brasil, referentes à língua portuguesa, identificando diferenças diatópicas; e conforme (OLIVEIRA, 2007, p. 9) registrar a variedade linguística por meio de cartas cartográficas em 32 localidades no estado de Mato Grosso do Sul; já têm auxiliado pesquisadores e profissionais de áreas afins a terem materiais que possam aprimorar seus trabalhos e estudos.

Neste sentido, contribuiremos para os estudos que contemplam os processos de transformação da língua portuguesa em Campo Grande, verificando, por exemplo, as diferenças nas quantidades de ocorrências, comparando sempre dois níveis de escolaridade: ensino fundamental e ensino médio.

3. Histórico sobre Mato Grosso do Sul e sua capital.

Mato Grosso do Sul (MS) é uma das 27 unidades Federativas do Brasil, sua localização é na região Centro-Oeste do país. Conforme dados do IBGE, 2010, o Estado possui uma população de 2.449.024 com 78 municípios, antes constituía a parte Sul do Estado de Mato Grosso, foi desmembrado conforme Lei Complementar nº 31 em 11 de outubro de 1977 e instalado em 1 de janeiro de 1979.

A capital do MS está localizada nas encostas da Serra de Maraca-

ju (PAIVA, 2010, p. 10). Conforme histórico do MS e sua capital, encontrados no site do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), o passado desta cidade se deve a três homens: o poconeano João Nepomuceno, aos mineiros José Antônio Pereira e Manoel Vieira de Souza. Nepomuceno foi o pioneiro, por ser morador mais antigo da área; José Antônio Pereira recebe as honras por ter sido fundador da cidade tendo em 1872 acampado com sua comitiva na região chamada na época de mato cortado, hoje atual Horto Florestal; e Manoel Vieira de Souza é lembrado por ter sido companheiro, por não ser ambicioso, mas sim por ter recebido muito bem Pereira, quando ele volta para Campo Grande, pois este havia viajado para Monte Alegre, em Minas Gerais para buscar a família e deixa João Nepomuceno tomando conta das roças em Campo Grande, e no mesmo ano chega aqui Manoel Vieira Oliveira, então Nepomuceno propõe-lhe a venda de propriedade que estava cuidando para Pereira, porém sobre a condição de que se Pereira voltasse, Manoel teria que devolver as terras, Manoel concordou e Pereira voltou, o combinado foi cumprido e Pereira o convidou para juntos iniciarem a ocupação do lugar.

Em 1875 nosso fundador volta para Campo Grande e cabe a ele todas as iniciativas e providências sobre a fundação do Arraial de Santo Antônio de Campo Grande.

A Resolução nº 225, de 26 de agosto de 1899, elevou Campo Grande à categoria de vila e determinou a criação do município, desanexando-o de comarca de Nioaque. Esta data ficou sendo aniversário da cidade. Segundo Paiva (2010, p. 25): em 16 de julho de 1918, de acordo com a Lei nº 772, Campo Grande foi elevada à condição de cidade.

4. História da língua portuguesa

Linguagem é o conjunto de sinais que a humanidade utiliza para comunicar suas ideias e pensamentos (ideologia), (COUTINHO, 1976, p. 21). A ideologia é explicada como: “a esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens [...]” (FIORIN, 1998, p. 28). “A linguagem usada particularmente por um povo chama-se língua” (COUTINHO, 1976, p. 24).

O linguista Trombetti (1905 *apud* COUTINHO 1976, p. 25-31), classificou as línguas existentes em quatro grupos:

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

1. Línguas da África: 1.1 Banto-sudanês 1.2 Camilo- semítico	3. Línguas da Eurásia: 3.1. Caucásico 3.2. Indo-europeu 3.3. Uralo-altáico 3.4 Indo-chinês
2. Línguas da Ásia e da Oceania: 2.1 Dravídico-australiano 2.2 Munda-polinésico	4. Línguas da América: 4.1. Americano

Esses quatro grupos formaram dois grupos maiores:

1. Austral: 1.1 Línguas da África: 1.1.1 Banto-sudanês 1.1.2 Camilo- semítico 1.2 Línguas da Ásia e da Oceania: 1.2.1 Dravídico australiano 1.2.2 Munda-polinésico	2. Boreal: 2.1 Línguas da Eurásia: 2.1.1 Caucásico 2.1.2 Indo-europeu 2.1.3 Uralo-altáico 2.1.4 Indo-chinês 2.2. Línguas da América: 2.2.1. Americano
--	--

1. Línguas da África: <u>1.1 Banto-sudanês</u> <u>1.2 Camilo- semítico</u>	3. Línguas da Eurásia: <u>3.1 Caucásico</u> <u>3.2 Indo-europeu</u> <u>3.3 Uralo-altáico</u> <u>3.4 Indo-chinês</u>
2. Línguas da Ásia e da Oceania: <u>2.1 Dravídico-australiano</u> <u>2.2 Munda-polinésico</u>	4. Línguas da América: <u>4.1 Americano</u>

1. Austral: 1.1 Línguas da África: 1.1.1 Banto-sudanês 1.1.2 Camilo- semítico 1.2 Línguas da Ásia e da Oceania: 1.2.1 Dravídico australiano 1.2.2 Munda-polinésico	2. Boreal: 2.1 Línguas da Eurásia: 2.1.1 Caucásico 2.1.2 Indo-europeu 2.1.3 Uralo-altáico 2.1.4 Indo-chinês 2.2. Línguas da América: 2.2.1. Americano
--	--

Dos grupos austral e boreal, importa dizer que surgem dois mais importantes para este trabalho: O árico e indo-europeu, que se dividem em asiático e europeu.

E do grupo europeu surgem: a) grego antigo, grego moderno; b) itálico (osco, umbro e latim que deram origem às línguas novilatinas ou românicas); c) céltico; d) báltico; e) eslavo; f) germânico e g) albanês.

O latim apresentou dois aspectos: o clássico utilizado mais na literatura e o vulgar, aquele que era falado pelo povo. Esta língua considera-

da atualmente como morta foi levada a diversas regiões e povos de diferentes culturas, originando assim, várias línguas neolatinas.

Assim, a língua portuguesa tem origem do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia.

Vasconcelos (1926 *apud* COUTINHO, 1996, p. 56-57) divide a história da língua portuguesa em: pré- histórica que vai da origem da língua até o surgimento de documentos escritos em latino – português, século IX; proto-histórica que vai do século IX ao XII quando os textos escritos já são em latim bárbaro e a histórica que começa a partir do século XII quando os textos aparecem na íntegra em português.

Com isso, podemos comprovar que a língua portuguesa está em constante transformação, percebemos isto ao comparar um texto muito antigo e um texto atual. É possível identificar palavras semelhantes que possuem algumas diferenças na grafia, pois as mudanças dentro da língua não ocorrem repentinamente, mas sim, ao longo do tempo, dependendo do seu uso pelos falantes e esse processo de transformação estrutural pelo qual a língua passa, chama-se *metaplasmo*.

Ao estudar este conteúdo conhecemos as características que cada processo possui, encontramos exemplos de palavras que se transformaram e que hoje já estão registradas em dicionários, porém a todo tempo percebemos que essas mudanças são constantes, sendo frequentes na língua falada, e é exatamente na oralidade que podemos perceber as mudanças que ocorreram e as mudanças que possivelmente irão ocorrer. Os metaplasmos a serem analisados são: os por supressão, este tipo se subdivide em: a aférese cuja transformação ocorre quando um segmento sonoro é suprimido do início da palavra ou primeira sílaba da palavra. Por exemplo: acume > gume.

Um caso especial de aférese é a deglutinação onde um A ou O é suprimido para que não haja confusão com o artigo. Como em: horologiu > orologiu > relógio. A supressão do segmento sonoro no meio da palavra ou sua sílaba do meio, chama-se síncope. Por exemplo: malu > mau

A haplologia é uma modalidade da síncope onde ocorre uma supressão de duas sílabas que são sucessivas e que são iniciadas pela mesma consoante: bondade + -oso = bondadoso > bondoso.

Quando um segmento sonoro é suprimido do fim de uma palavra, ou sua sílaba final, ocorre a apócope como em: mare > mar.

A crase é a transformação onde duas vogais iguais se fundem. Utilizada para eliminação do hiato. Por exemplo: nudu > nuu > nu.

A sinalefa é o processo pelo qual a vogal final é eliminada da palavra quando a palavra seguinte começa por vogal. Por exemplo: de + intro > dentro. (BAGNO, 2007, p.8-13).

5. Metodologia

O trabalho será composto por entrevistas realizadas com 8 pessoas campo-grandenses, sendo em cada grupo de informantes um com ensino fundamental e o outro grupo com ensino médio, dessa forma teremos: 2 homens mais jovens (18-30), 2 homens mais idosos (45-65), 2 mulheres mais jovens (18-30), 2 mulheres mais idosas (45-65).

Antes de cada entrevista faremos um questionário com dez perguntas, sendo as perguntas as seguintes: 1) Qual o seu nome? 2) Onde você nasceu? 3) Qual a sua idade? 4) Qual a sua escolaridade? 4) Seus pais nasceram onde? 5) Seus avós nasceram onde? 6) Você é casado (a) ? 7) Se sim de onde é seu cônjuge? 8) Você tem filhos? 9) Se sim, quantos? 10) Você trabalhando atualmente? Com objetivo de conhecer o perfil de cada indivíduo e logo após o entrevistado terá um tempo que vária de 10 a 15 minutos para falar espontaneamente sobre fatos vivenciados do passado ou de seu cotidiano, para que possa se sentir mais envolvido com a história e fale livremente.

[...] quando o assunto refere-se a fatos vivenciados de forma intensa pelo falante, este se envolve com a narrativa de forma que, neste momento, o pesquisador coleta o verdadeiro vernáculo, isto é, a verdadeira fala espontânea do informante e é, justamente, este tipo de fala almejado nos estudos de natureza sociolinguística. (LABOV, 2008 *apud* SABINO & VILLA, 2012, p. 07).

Terminadas as entrevistas, elas serão transcritas com base no Projeto NURC (PRETI, 1995, p. 12). Veja alguns exemplos de normas adotadas:

Observações:

Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas;

Fáticos: ah, éh, eh, an, uhn, tá;

Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados;

Números: por extenso;

Não se indica o ponto de exclamação em frases exclamativas;

Não se anota o cadenciamento das frases;

É permitido combinar sinais;

Não se utiliza sinais de pausa, típicos da língua escrita como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Será feita uma contagem para verificar em qual porcentagem cada subtipo de metaplasmo apareceu em todas as entrevistas, e em seguida apontaremos quais foram os subtipos mais relevante (que tem maior porcentagem), mostrando em que proporção eles se deram dentro de cada grupo (ou par de informantes).

6. Análise de dados

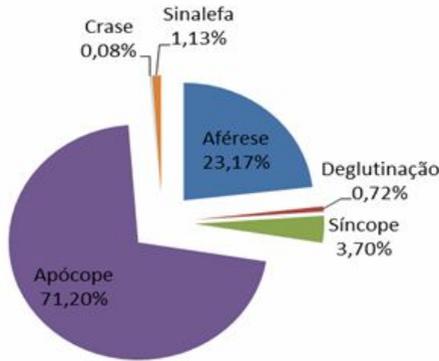
A tabela a seguir ilustra a formação de cada grupo de informantes:

Informante	Idades	Sexo	Escolaridade	Grupos
Informante I	18 anos	Masculino	Ensino fundamental	Grupo 1
Informante II	18 anos	Masculino	Ensino médio	
Informante III	49 anos	Masculino	Ensino fundamental	Grupo 2
Informante IV	42 anos	Masculino	Ensino médio	
Informante V	29 anos	Feminino	Ensino fundamental	Grupo 3
Informante VI	26 anos	Feminino	Ensino médio	
Informante VII	50 anos	Feminino	Ensino fundamental	Grupo 4
Informante VIII	47 anos	Feminino	Ensino médio	

Ocorrências por informante							
-	Afêrese	Deglutinação	Síncope	Apócope	Crase	Sinalefa	TOTAL
Informante I	23	0	6	80	0	3	112
Informante II	30	1	12	90	0	0	133
Informante III	35	1	2	156	0	0	194
Informante IV	9	0	3	69	1	1	83
Informante V	39	0	3	111	0	7	160
Informante VI	39	3	10	127	0	0	179
Informante VII	57	4	2	146	0	1	210
Informante VIII	56	0	8	106	0	2	172
TOTAL	288	9	46	885	1	14	1243

O gráfico a seguir mostra a porcentagem de cada subtipo de metaplasmo por supressão, considerando o total de 1243.

Grupo Geral



Entre os homens mais jovens: Grupo 1

Ocorrências por Informantes							
-	Aférese	Deglutição	Síncope	Apócope	Crise	Sinalefa	TOTAL
Infor. I	23	0	6	80	0	3	112
Infor. II	30	1	12	90	0	0	133
Percent. (%)	21,6%	0,4%	7,3%	69,4%	0,0%	1,2%	245 (100,0%)

Ocorrências por informante Grupo 1.

Os informantes I e II falaram 245 metaplasmos por supressão. Sendo a maior parte apócope, representando 69,4%, seguido pela aférese com 21,6%. Percebemos que o informante II mesmo possuindo um nível de escolaridade maior em relação ao informante I apresentou mais ocorrências de todos os subtipos com exceção da sinalefa.

Entre os homens mais idosos: Grupo 2

Ocorrências por Informantes							
-	Aférese	Deglutição	Síncope	Apócope	Crise	Sinalefa	TOTAL
Infor. III	35	1	2	156	0	0	194
Infor. IV	9	0	3	69	1	1	83
Percent. (%)	15,90%	0,40%	1,80%	81,20%	0,40%	0,40%	277 (100%)

Ocorrências por informante Grupo 2.

Os informantes III e IV falaram um total de 277 metaplasmos por supressão. Os subtipos que mais ocorrem são apócope 81,2% e aférese com 15,9%. Percebemos que entre os subtipos mais ocorridos no segundo grupo o informante III com menor grau de escolaridade apresenta maior quantidade de ocorrências. Nos casos menos ocorridos como síncope, crise e sinalefa o informante IV supera o informante III. A deglutição ocorre em III e não ocorre em IV.

Entre as mulheres mais jovens: Grupo 3

Ocorrências por Informantes							
-	Aférese	Deglutinação	Síncope	Apócope	Crase	Sinalefa	TOTAL
Infor. V	39	0	3	111	0	7	160
Infor. VI	39	3	10	127	0	0	179
Porcent. (%)	23,00%	0,90%	3,80%	70,20%	0,00%	2,10%	339 (100,0%)

Ocorrências por informante Grupo 3.

Os informantes V e VI falaram juntos num total de 339 metaplasmos por supressão. Os casos que mais ocorrem neste grupo são apócope com 70,2% das ocorrências e aférese com 23% das ocorrências. Neste grupo o informante V tem um nível menor de escolaridade que o informante VI, no entanto os dois informantes se igualaram nas quantidades de aférese, já na quantidade de síncope e deglutinação o informante VI supera o informante V mesmo tendo um nível maior de escolaridade. Não ocorrem casos de crase para este grupo e o informante V fala mais sinalefas que o informante VI.

Entre as mulheres mais idosas: Grupo 4

Ocorrências por Informantes							
-	Aférese	Deglutinação	Síncope	Apócope	Crase	Sinalefa	TOTAL
Infor. VII	57	4	2	146	0	1	210
Infor. VIII	56	0	8	106	0	2	172
Porcent. (%)	29,60%	1,00%	2,60%	66,00%	0,00%	0,80%	382 (100,0%)

Ocorrências por informante Grupo 4

Os informantes VII e VIII falaram 382 metaplasmos por subtração. Os casos que mais ocorreram foram apócope com 66,0 % e aférese com 29,6 %. Em todos os casos o informante VII com menor nível de escolaridade que o informante VIII supera a quantidade de metaplasmos por supressão, com exceção da síncope e da sinalefa.

7. Conclusão

Podemos constatar que os dois subtipos de metaplasmos que mais ocorrem nos 4 grupos de informantes analisados são os casos de apócope seguidos dos casos de aférese.

Nosso objetivo principal era saber se os metaplasmos por supressão mais ocorridos apareceriam em maior grau em pessoas com um nível de escolaridade inferior a seu par analisado, com maior grau de escolaridade. No **Grupo I** vimos que isso não acontece: com o informante II que tem ensino médio ocorrem maiores quantidades de apócope e aférese a e

também dos demais subtipos, com exceção da sinalefa em relação ao informante I que tem ensino fundamental.

No **Grupo II** vimos que as coisas já mudam, o informante III com ensino Fundamental supera nos casos de apócope e aférese do informante IV, sendo que nos casos menos significativos: síncope, sinalefa e crase, acontece o contrário.

No **Grupo III** mais uma vez as coisas mudam, se tratando de apócope o informante IV supera o informante V mesmo tendo ensino médio e se tratando de aférese o as quantidades se igualam; na quantidade de síncope e deglutinação, o informante VI supera o informante V mesmo tendo um nível maior de escolaridade, o informante V fala mais sinalefas que o informante VI.

No último grupo o Informante VII com ensino fundamental supera a quantidade de apócope e aférese faladas pelo informante VIII com relação a síncope e sinalefa ocorre o contrário.

Com isso podemos constatar que: tratando de informantes mais jovens quem possui maior escolaridade lidera as maiores ocorrências entre os casos mais significantes, já entre os informantes mais idosos, ocorre o oposto.

Subentende-se que nem sempre as pessoas que possuem um maior grau de escolaridade, tratando-se de ensino médio e ensino fundamental, vão falar menos metaplasmos por supressão. Isso mostra que a língua continuamente está em transformação, ocorrendo em níveis diferentes dependendo da faixa etária e escolaridade de cada falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1998.

BAGNO, Marcos. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Brasília: UnB, 2007.

SABINO, Elza da Silva; VILLA, Rosângela da Silva. Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Uberlândia, v. 1, n. 2 dos *Anais do Simpósio Internacional do Ensino da Língua Portuguesa*. Maio, 2012, p. 7.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CARDOSO, Suzana Aline Marcelino da Silva. *Projeto atlas linguístico do Brasil*. Disponível em:
<<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>>. Acesso em: 17-07-2012.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Atlas linguístico do Mato Grosso de Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.

PRETI, Dino. Normas para transcrição. In: _____. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995, p. 12.

RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995, p. 20-28.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Campo Grande MS: Histórico*. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=500270#>>. Acesso em: 20-09-2012.

_____. *Mato Grosso do Sul: População*. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ms>>. Acesso em: 10-06-2012.

PAIVA, Adriano Laurensse Teixeira. *História de Campo Grande*. Campo Grande: Alvorada, 2010.